

DO INGRESSO NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA À TUMULTUADA FORMATURA, COM DECLARADA ADMIRAÇÃO PELO HOSPITAL DAS CLÍNICAS E PELA MATERNIDADE NITA COSTA MEMÓRIAS DE FORMANDOS DE 1958

José de Souza Costa

Professor Titular (aposentado) de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Bahia; Salvador, BA, Brasil

Em 1953, depois das agruras de dois vestibulares, ingressei na Faculdade de Medicina da Bahia, numa das menores, senão a menor turma dessa escola em anos recentes: 41 alunos aprovados no vestibular, entre os quais Jorge Valente Filho, que logo se afastou para integrar a primeira turma da Escola Baiana de Medicina, fundada nesse ano por seu pai, Jorge Valente, futuro professor de Urologia da Faculdade de Medicina da Bahia. Realizava assim o sonho de toda a vida, pois desde sempre, quando inquirido sobre que carreira pretendia seguir, jamais hesitei em declarar o desejo de vir a ser médico.



Recebendo o anel das mãos do Prof. Rodrigo Argolo, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, na Reitoria, em 15/12/1958.

O curso médico foi um período de intensa participação, desde o estudo conjunto de Anatomia com Sílvio Marques à solidariedade quase completa nas paralisações e na recusa em aceitar o precário curso de Anatomia Patológica do professor José Coelho dos Santos; das manifestações de rua e da pichação do carro do diretor Augusto Mascarenhas à exemplar punição aos dois furadores da greve, que foram mantidos isolados da turma até o fim do curso, sentando-se em lugares afastados, fazendo provas separadamente, não incluídos no quadro de formandos, e a conseqüente suspensão da turma inteira, o que nos fez perder várias provas

Recebido em 30/11/2008

Aceito em 10/12/2008

Endereço para correspondência: Prof. José de Souza Costa. Rua Waldemar Falcão 1225/1201, Horto Florestal. CEP: 40296-710. Salvador, BA, Brasil. C-elo: jdscosta@terra.com.br.

Gazeta Médica da Bahia

2008;78 (2):130-137

© 2008 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

parciais; do curso de férias ministrado à noite no Pronto Socorro pelo Prof. Aníbal Muniz Silvany Filho, depois nosso paraninfo, que nos possibilitou, em exame de 2ª Época, recuperar a disciplina de Anatomia Patológica à solenidade de formatura a céu aberto, em pleno Terreiro de Jesus, quando, no palanque improvisado em frente à Faculdade de Medicina da Bahia, com a presença maciça de familiares, professores, médicos e populares, homens trajando passeio completo, mulheres com vestidos finos e chapéus, foi feita a entrega ao paraninfo do quadro da formatura do sesquicentenário da fundação da escola pelo Príncipe Regente, uma vez negado o acesso ao Salão Nobre, ainda mais reiterado como represália ao tumulto e vaias acontecidos na Reitoria no dia anterior.

Negado aos doutorandos o salão nobre da Faculdade

A Turma do Sesquicentenário está disposta a requerer à Justiça mandado de segurança



No clichê o grupo de doutorandos a que seio consider "A Terceira" para as solenidades, tendo-se no centro o prof. Aníbal Silvany Filho, por anfitrião da turma

Jornal A TARDE, 13/12/1958

O Terreiro foi o salão nobre

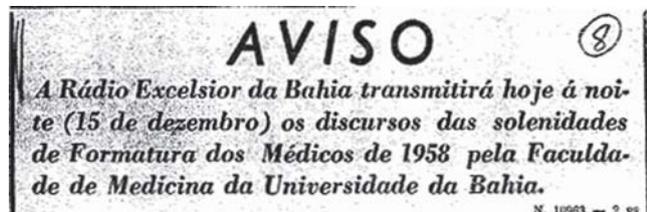
A entrega do quadro de formatura dos novos médicos ao seu paraninfo constituiu um espetáculo inédito



Senhoras de chapéus e uma multidão de pessoas outras pre-ancieram a cerimônia

Jornal A TARDE, 17/12/1958

Todo esse ativismo, só possível em uma turma pequena e diferenciada, angariou-nos a antipatia das autoridades acadêmicas da época, que reagiram com os meios de que dispunham, nem sempre eficientes.



À proibição da transmissão da solenidade de formatura no Salão Nobre da Reitoria pelo rádio, único veículo de comunicação da época, a turma de 1958 contrapôs a gravação prévia dos discursos, incluindo as palmas, e do juramento, que foram levados ao ar nos exatos momentos em que se desenrolavam na Reitoria, o que tornou inútil o dispositivo policial armado para frustrar o intento.



Com os professores Fernando São Paulo e Maria de Lourdes Rocha Santos, após a entrega do quadro de formatura ao Paraninfo, no Terreiro de Jesus, em 16/12/1958

Mas foram também anos de incansável esforço, que começava nas horas perdidas nos bondes da Linha Circular para chegar à Praça da Sé nos horários estipulados pelos augustos mestres, que nos demandavam disponibilidade em dois turnos, às vezes entrando pela noite, o que dificultava a vida de alguns colegas que trabalhavam para garantir o sustento, entre os quais José Iracildo da Franca, ilustre sergipano de Buquim e diligente funcionário do Banco do Brasil, hoje conceituado ginecologista e fazendeiro em Itapetinga, continuava por tediosas aulas após o almoço, nas salas escaldantes da fachada voltada para o poente ou no desconfortável Anfiteatro Brito, e terminava nas noites mal dormidas, gastas no estudo das matérias dos professores mais exigentes, reconhecidos reprovadores militantes, como os professores Rafael de Menezes Silva, de Anatomia, e Carlos Geraldo de Oliveira, de Física Biológica.

Dissabores compensados pelas belas aulas de outros tantos professores, como Jorge Augusto Novis, de Fisiologia, Alexandre Leal Costa, de Parasitologia, Estácio Luiz Valente de Lima, de Medicina Legal e Luiz Fernando Macedo Costa, entre os maiores didatas que me foi dado conhecer.

Terminado o ciclo dos estudos na Faculdade do Terreiro, que se estendeu de forma integral até o 3º ano e, parcialmente, até o 4º ano, quando ainda ali tínhamos aulas de Técnica Operatória, sob a tutela do inesquecível Prof. Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão, passamos a desenvolver atividades no Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Professor Edgar Santos. Inaugurado a poucos anos, ainda em obras em determinados setores, brilhando de novo e de limpo na administração eficiente do operoso Superintendente Dr. João Batista Caribé, nesse cargo instalado pelo idealizador e construtor dessa grandiosa obra, o Diretor da Faculdade de Medicina e depois Reitor da Universidade da Bahia, Prof. Edgar Rêgo dos Santos.

Foi a entrada no paraíso! No Hospital das Clínicas encontramos-nos enfim com o objeto da maior ansiedade ao longo de três infundáveis anos: o paciente. E com extenso rol de novidades: o saguão de raro mármore branco, os elevadores automáticos, os amplos corredores, os altos tetos, as largas escadas, os relógios elétricos, a paisagem do vale, as enfermarias, os ambulatórios, a cozinha de aço inoxidável, alta e brilhante novidade, o centro cirúrgico com ar condicionado, cômoda e recente inovação, pela maioria de nós desconhecida ou sequer imaginada, estabeleciam contundente contraste com o velho prédio do Terreiro de Jesus, onde a única modernidade residia na biblioteca, que fora reformada em ferro e vidro após incontrolável incêndio na década anterior. Os panos alvos, o instrumental reluzente, os equipamentos de última geração, tudo importado e da melhor qualidade, ultrapassaram as nossas expectativas. O que foi mais concretizado com o reencontro com os colegas mais adiantados, solenes nos seus aventais e jalecos brancos, e pelo conhecimento pessoal dos lendários mestres que pontificavam nos diferentes serviços: Fernando José de São Paulo, pequeno e genial conhecedor da terapêutica e da linguagem popular, César Augusto de Araújo, Adriano de Azevedo Pondé, Alicio Peltier de Queiroz, exemplo vivo da tenacidade e do sucesso, Fernando Carvalho Luz, Renato Lôbo, de raciocínio claro e irrefutável nas elaborações diagnósticas, Fernando Filgueira, ás da cirurgia, Benjamim da Rocha Salles, e outros não tão divulgados mas brilhantes mestres de uma fase áurea da medicina baiana. Senti-me como um viandante do deserto que, de repente, se depara com um oásis. De tanto ter para ver e escolher, não sabia se acompanhava Gerson Pinto no ambulatório de Terapêutica Clínica ou se corria atrás de Maria de Lourdes Rocha Santos no ambulatório de Ginecologia, se ouvia os ensinamentos de Hosannah de Oliveira no anfiteatro ou se assistia pelo visor a cirurgia estética de João José de Almeida Seabra. Foi uma verdadeira indigestão de oportunidades! Nunca me senti tão indeciso sobre que área da medicina seguir, mas não perdi

tempo e procurei tirar proveito de tudo que me era possibilitado. Passei anos felizes no H.C., como carinhosamente o chamamos até hoje, ao lado dos colegas e de professores, uns mais queridos que outros, como soe acontecer, e de funcionários dedicados, exemplos dos quais foram a Auxiliar de Enfermagem Aurelina, a bondade personificada, na Ginecologia, e Belaura, que nunca mais vi após ter-se aposentado, mas de quem guardo na lembrança a agradável feição, a fina educação e a gentileza inata, na Biblioteca.

Mais que um memorial, teria que escrever um alentado livro para poder abrigar todas as pessoas com quem convivi e fatos que me aconteceram nesse período.

Ao mesmo tempo procurava organizar a minha vida pessoal, em busca de acomodações acessíveis à condição de estudante. No primeiro pensionato em que morei, junto com José Iracildo, na Rua Direita da Piedade, fui vizinho quase de frente de Anita Teixeira, beldade sergipana, de luto, talvez, e de cabelo preto muito curto, que era um colírio na paisagem cinzenta da rua, a quem mais tarde fui conhecer pessoalmente no H.C. e a quem até hoje dedico grande admiração. Dali mudamo-nos, sempre Iracildo e eu, para a Rua Senador Costa Pinto, no trecho conhecido como Faísca, onde recebíamos sempre a visita de outro colega sergipano, João Gilvan Rocha, futuro Senador por Sergipe, e em seguida para o pensionato de D. Rita, na rua Pedro Autran, transversal que se abre entre o antigo Arquivo Público e a Igreja do Rosário, onde entre várias pessoas interessantes, conheci Maria Tereza de Medeiros Pacheco, beleza alagoana de tez ebúrnea em boa hora aportada na Bahia, que veio a ser um marco de seriedade e dedicação na Universidade Federal da Bahia, como professora de Medicina Legal nas faculdades de Medicina e de Direito, e no governo da Bahia, como Diretora do Instituto Médico Legal e da Polícia Técnica em diferentes oportunidades.

Essa convivência foi interrompida pela minha mudança para a Rua 8 de Dezembro, onde passei a morar com minha mãe e três irmãos mais novos, de 1955 a 1957, quando então eles voltaram para Juazeiro, ficando eu novamente sozinho em Salvador.

A partir do 4º ano comecei a freqüentar os plantões do Pronto Socorro, nas terças feiras, e, depois de concorrido concurso, da inesquecível Maternidade Nita Costa, situada no Rio Vermelho, próximo de onde se encontra hoje o Hotel Pestana, nas quintas feiras. Do Pronto Socorro, guardo discretas recordações de muito trabalho de rotina com pouca orientação acadêmica. Nada que comprometa. Da maternidade, grandes saudades de um dos períodos mais felizes da minha vida. Trabalhei de saída como aspirante no plantão do Interno Carlos Alberto da Costa Pinto Dantas, o conhecido Dantinhas, depois assistente de Ginecologia e de Obstetrícia, que gozava do maior prestígio por ser proprietário de um “fusca”, o que, a par de decantados olhos azuis, tornava-o objeto do desejo de moçoilas casadoiras e das nem tanto. Éramos comandados pelo afamado Dr. Nelson Hart Madureira, até hoje reconhecido

como um dos mais habilidosos forcepistas deste lado do mundo, fazendo parte de uma equipe que contava com Assis Fernandes, Elias Darzé, depois professor de Obstetrícia e meu colega de departamento, e de Almério Machado que, apesar de clínico convicto desde o primeiro ano, acompanhou-me no plantão da Nita Costa até a formatura, onde, aliás, foi muito útil desempenhando as artes da anestesia nas emergências que de vez em quando nos aconteciam, uma vez que não contávamos com anestesista de plantão na casa.

Ao longo do tempo fui conhecendo ali outros colegas, não tanto da federal, mais da Escola Baiana de Medicina, entre os quais cumpre destacar Carlos Ruy Tourinho, futuro professor assistente dessa escola e tão precocemente falecido, a quem fui muito ligado até a sua morte, quando exercia a presidência da comissão organizadora do Congresso Norte-Nordeste de Ginecologia e Obstetrícia, o qual me solicitou, já acometido do mal que lhe tirou a vida, levar adiante e presidir a sua realização.

É tocante a lembrança de José da Silva Tavares, quase um totem da instituição, sergipano alegre e bonachão que ali se formou e residia, amigo de todos, pau-para-toda-obra, curinga, enfim a pessoa com quem podíamos contar a qualquer hora para “quebrar os nossos galhos” e socorrer todas as dificuldades da maternidade. Casado depois com minha colega de turma Wanilda Lúcia Carneiro do Amaral, exerceu com galhardia a clínica obstétrica até que um fatídico acidente vascular cerebral tirou-o do nosso convívio e do das milhares de clientes que acumulara ao longo de sua brilhante carreira. Foi no primeiro ano de trabalho na Maternidade Nita Costa, em 1955, que conheci Letícia Wense de Mendonça na Rua Chile ainda em moda, moradora da Barra Avenida, com quem vim meses depois a iniciar um namoro, viabilizado por informações prestadas pela colega Suzana Alves Ribeiro, de quem Letícia é aparentada, que terminou em casamento em 1963, mãe dos meus três filhos e companheira da maior e melhor parte da minha vida.

Do período na Rua 8 de Dezembro, muitas relações e acontecimentos perderam-se no tempo. Restaram na lembrança a bela arborização e a tranqüilidade do dia-a-dia; a convivência estabelecida com D. Celina Habib e seus filhos Lita e Fernando; com a família Cox, principalmente a matriarca D. Lígia e seu filho Roy, este cacauicultor e morador em Ilhéus; com João Pondé, depois docente de cardiologia na Faculdade de Medicina da Bahia; com Ernesto Simões, que morava na Rua Teixeira Leal, num dos endereços mais cotados de Salvador à época, o Edifício Catarina Paraguaçu, onde também morava Adriano Pondé, e aonde vim a residir anos depois; com Harley Padilha, primo afastado da minha mulher Letícia, futuro professor da Faculdade de Medicina e do Instituto de Saúde Coletiva; com Henrique Krutmann, médico, que cedo se mudou para São Paulo e do qual não ouço falar há muitos anos.

São gratas recordações que têm me acompanhado ao longo da vida.

Esgotado esse tempo, já no ano da formatura, 1958, voltei à categoria de sem-teto, indo morar na pensão de Catarina, no Corredor da Vitória, muito conveniente pela proximidade com o Restaurante Universitário, onde passei a fazer refeições. Foi um ano de intensas comemorações. Comemorávamos tudo, do dia da independência da República do Gabão ao dia da secretária bilíngüe, com memoráveis noitadas, que começavam nas mais ou menos comportadas “boites” Clock e Manhattan, passavam pelo Tabarís Night Club e arredores e terminavam o mais das vezes no sarapatel ou no mocotó do Mercado Modelo ao raiar do dia. Eu, José Carvalho Costa, respeitado tocoginecólogo em Caetitê, Manoel dos Passos Galvão Filho e Juarez de Souza Muniz, operosos profissionais atuantes em Itabuna, além de outros colegas da nossa e de outras faculdades, todos moradores da famosa pensão.

Passara, nessa altura à categoria de Interno, tanto da Clínica Ginecológica, dirigida pelo lendário e respeitado Prof. Alcício Peltier de Queiroz, ao lado de José Iracildo, como sempre, e de Eii faz Matos, como da Nita Costa, agora sob o comando seguro do futuro titular de Obstetrícia, Prof. José Maria de Magalhães Neto, cuja vida, a partir de então, se entrecruzaria com a minha em diferentes oportunidades, às vezes como chefe, outras como colega ou auxiliar: parteiro da minha filha caçula Cecília, meu Vice-Coordenador do Colegiado de Curso de Medicina, co-participante em comissões do Ministério da Saúde, meu Diretor na FAMED, meu grande apoio no quadriênio em que exerci a Presidência da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia - FEBRASGO, meu chefe no Comitê Estadual de Mortalidade Materna da Secretaria Estadual de Saúde Pública do Estado da Bahia, da qual foi depois o titular. Dessa fase final na Nita Costa, recordo com saudade da grande camaradagem na equipe, dos fins de tarde no alto da falésia, a apreciar o pôr do sol sobre o mar ao som do violão inspirado de Hermano, acompanhado pelas vozes cansadas, mas felizes, de Almério, Coracy Teixeira Bessa, grande amiga, de quem o tempo infelizmente me afastou, Zequinha Carvalho, Jovelina Falcão, de mim e mais eventuais figurantes, que assim nos recuperávamos das lides de um dia atribulado de trabalho, cantando, divertindo, se não houvesse chamado, até o anoitecer.

Na Ginecologia a situação era bem diversa. A competitividade entre os professores e agregados, resultado do excesso de “estrelas” num firmamento restrito, refletia-se nos alunos, que disputavam espaço sem considerações. Comparava-se tudo: quem melhor operava, quem mais ganhava dinheiro, o que comprava as jóias mais caras ou as roupas mais exclusivas para suas esposas. E tudo isso era tolerado pelo chefe, que, aparentemente, considerava essa competição saudável e construtiva. Relacionamento mais estreito durante os meus anos de Internato na Ginecologia, que me lembre, só com Hyedda Rigaud, tranqüila encarnação da enfermeira dedicada, com as auxiliares de enfermagem e com Maria de Lourdes Rocha Santos, que pela natural simpatia e pela forma cordial de tratar os seus alunos foi com justiça homenageada pela turma. O professor, sub-repticiamente envolvido pelo minueto encenado por “cortesãos” interessados em rápida

ascensão, era praticamente inacessível, afastamento ainda mais agravado pelo comportamento severo e arredo com os que não faziam parte do seu círculo mais íntimo. Sei que poderei ser criticado pelo que aqui declaro, mas confesso que esse ambiente jamais me causou boa impressão e não me deixou grandes saudades. Assim terminavam os meus dias na Faculdade de Medicina da Bahia, marcados pela insegurança sobre o rumo que tomaria a minha incipiente vida profissional. No meio de tantas dúvidas, uma certeza me consolava: não morreria de fome, pois aprendera a fazer partos muito bem.

Esse desfavorável estado de espírito piorava à medida que se aproximava a formatura, beirando a depressão, pela ameaça que sobre mim pairava de ter de retornar a Juazeiro para ingressar na política, fazer “carreira de deputado”, plano paterno que jamais contou com a minha simpatia, mas que aceitava pela absoluta dependência financeira: a não ser pelo pequeno salário de Interno da Nita Costa, que servia para os extras, jamais trabalhei por ganho e fui sempre mantido por meu pai. Numa tentativa de escapar dessa ameaça, candidatei-me à Residência Médica, instituída no ano anterior no Hospital das Clínicas pelo Prof. Roberto Figueira Santos, e que tivera no seu primeiro ano Álvaro Rabelo, Gilberto Rebouças e Luciano Pedreira, entre outros, como médicos-residentes.

Os episódios mais marcantes da formatura foram acima relatados. No dia 15, depois da missa solene na Catedral Basílica, pela manhã, do culto na igreja protestante do Campo Grande, comparecemos à Reitoria, à noite, para a entrega de diplomas. Pelas restrições pessoais ao paraninfo, que demitira do Hospital das Clínicas, o Reitor Edgard Santos não compareceu à formatura, sendo substituído pelo Diretor Rodrigo Argolo. A solenidade ocorreu de forma mais ou menos tranqüila ao longo dos discursos do Orador Augusto Sampaio e do Paraninfo Aníbal Silvany, que em sua oração fez veladas críticas à administração universitária. Ao encerrar a sessão, o diretor revidou às críticas e violentamente atacou o paraninfo, sendo estridentemente vaiado pela assistência, aos gritos de “fora, palhaço!” partidos das galerias e sacadas, principalmente de amigos e colegas de Silvany e de alunos da Escola Baiana de Medicina. Já irritados com a tentativa de intervenção da polícia para impedir a transmissão dos discursos, que estavam em verdade sendo irradiados dos estúdios da Rádio Excelsior, alguns partiram para o arremesso de objetos à mesa diretora, o que causou generalizado tumulto, correria e pânico na assistência, só acalmados com o providencial início da execução do Hino Nacional pela Orquestra Sinfônica, não sem alguns estragos. Em compensação, o baile no clube Fantoches da Euterpe, no dia seguinte, decorreu na mais absoluta harmonia.

Ressalte-se que todos os eventos da formatura foram financiados por nós mesmos, pois ao contrário de turmas anteriores, que escolhiam paraninfos abonados que pagavam todas as despesas, havíamos optado pela gratidão a um professor de posses modestas, ao qual não desejávamos impor qualquer ônus. E ficou claro, mais uma vez, que adotamos a atitude mais apropriada, tal a satisfação que com isso desfrutamos.



Ocupando o espaço doutoral, na Reitoria, em 15/12/1958.

Com perdas de ano, repetências e transferências, formaram-se, com solenidade, em 1958, quarenta e dois médicos, cuja relação se segue:

- Agnaldo David de Souza
- Alix Reis de Menezes
- Almério de Souza Machado
- Augusto Sampaio de Souza
- Aurelino Alves Barreto
- Clariezer da Silva Vicente
- Clóvis Humberto Sampaio
- Décio da Silva Bacelar
- Djean de Souza Bessa
- Edgard Augusto Lopes
- Elifaz Andrade Matos
- Elza de Araújo Barros
- Ernesto Simões da Silva Freitas Neto
- Fernando Antônio Mendes Façanha
- Fernando Bullos
- Fernando Maurício de Lira
- Geraldo Gentil Baraúna de Castro
- Ival Dalmo Duarte Alves
- João Gilvan Rocha
- João Jerônimo Cabral Fagundes Neto
- João Rubem Nunes dos Anjos
- Jornandes Correia Leite
- José Iracildo da Franca
- José Leopoldo Valverde
- José Palma Luz
- José de Souza Costa
- Lívia de Macedo Rocha
- Luiz Carlos Medrado Sampaio
- Marco Aurélio de O. Barros
- Maria Angélica da Rocha Teixeira
- Maria Ophélia Galvão Araújo
- Maria Zélia da Silva Rocha
- Mauro Ferreira Camargo
- Nelson Ribeiro de Alencar
- Raimundo Batista Barbosa
- Sérgio Guimarães Rabello de Oliveira
- Sílvio Luiz Santos Marques
- Suzana Alves Ribeiro
- Tereza Ferreira Apoliano
- Vilberto Pereira Borges
- Walter Costa Amorim
- Wanilda Lúcia Carneiro do Amaral

Fui ao baile de formatura com Letícia e minha mãe, todos em trajes de gala, embalado em esperança, mas apreensivo com a impressão que porventura teria deixado nos meus entrevistadores da Residência, entre os quais o Prof. Fernando Visco Didier, uma das melhores pessoas que cruzaram a minha vida e que, mais tarde, fruto da minha grande admiração, tomei como padrinho de crisma, condição imprescindível para o casamento religioso na ocasião, pela fama de “intransigente e criador de casos” que me havia sido imputada àquela comissão, segundo me foi dito por um dos examinadores. Naturalmente, intriga de algum concorrente menos qualificado.

Mesmo assim, o cansaço de tantas idas e vindas, de tantas voltas e rodopios no salão, venceu-me, e pela primeira vez em meses tive uma noite tranqüila de sono. Dormi como um justo. Despertei particularmente feliz com a ótima notícia de que fora selecionado para a tão almejada Residência!

Éramos nove recém-formados, todos colegas da mesma turma de ingresso na Faculdade, com exceção de Marco Aurélio Barros, que a ela se incorporara por transferência, 8 homens e uma mulher, Tereza Apoliano, cearense destemida que voltou à origem ao término do seu treinamento e que até hoje mora em Fortaleza, divididos em 5 residentes de Clínica Médica e 4 de Cirurgia. Dos que aqui permaneceram, Ernesto, Agnaldo, Medrado, Almério e eu ingressamos posteriormente no magistério nesta escola. Marco Aurélio tornou-se titular de Cardiologia na Paraíba. Somente Elifaz Matos e Vilberto Borges, este falecido muito jovem em consequência de um choque anafilático, foram clínicos no interior do Estado da Bahia, nas cidades de Vitória da Conquista e Jequié, respectivamente.

Começamos os preparativos para a grande aventura, que incluíam o exame médico, exames laboratoriais, entrega de documentos e até um curso intensivo obrigatório de inglês na ACBEU, naquela ocasião situada no Largo da Vitória, com o professor Luiz Angélico Costa, durante os meses de Janeiro e Fevereiro, curso esse que foi continuado ao longo do ano, com aulas ministradas no próprio hospital, às 7 horas da manhã, pela Profa. Marita Frank, ex-vizinha da Rua 8 de Dezembro, professora da Universidade, que algum tempo depois abandonou, ao transferir-se para São Paulo.

Terminada essa etapa, fomos instruídos a nos instalarmos de vez no Hospital das Clínicas. Seguindo as orientações, para lá me mudei de armas e bagagens, carregando, entre outros pertences, dois caixotes que acomodavam o alentado serviço de jantar de louça inglesa que pertencera aos meus avós e que me fora dado como presente de formatura por minha mãe. Só não levei o papagaio, porque este fugira há algum tempo. E dei início a um dos períodos mais movimentados e produtivos da minha vida.

Éramos residentes na estrita acepção do termo, pois realmente morávamos no hospital: cinco em um dormitório coletivo na parte da frente da ala direita do 6º andar, três em um quarto de localização idêntica no 5º andar e Tereza, sozinha, em um pequeno apartamento no 2º andar.



Os Médicos-residentes de Cirurgia de 1959: José Costa, Medrado, Elifaz e Ernesto, com Fernando Didier, na entrada do Hospital das Clínicas.

Integravam o corpo docente encarregado da supervisão os professores Roberto Figueira Santos, seu chefe, Fernando Visco Didier, cirurgião, e Heonir de Jesus Pereira da Rocha, clínico, a quem conhecia de longa data, por ter sido meu contemporâneo do internato no colégio dos Maristas. Além de sermos encarregados do trabalho diário nas respectivas enfermarias, deveríamos suceder-nos em regime de plantão noturno, que no caso da cirurgia, acontecia a cada quatro dias. Fomos de imediato, distribuídos nas enfermarias incluídas no programa, cabendo a mim, como primeira etapa do rodízio, a enfermaria de Urologia, integrante das clínicas cirúrgicas. Ali chegado, deparei-me com o

caos deixado pelo meu antecessor: prontuários incompletos, cirurgias sem descrição, pacientes internados sem observação, cardex em branco, o que me levou a criar o primeiro caso, fazendo jus à fama que me precedera. Procurei o Prof. Roberto Santos e informei-lhe, direta e secamente, da minha intenção de recusar a indicação. Foram necessárias horas de cerrada argumentação para que eu me visse convencido a voltar atrás, do que, contudo, jamais me arrependi, pelo muito que ali aprendi, principalmente com os professores Ézer Americano da Costa e Venceslau Pires da Veiga, este um requintado fidalgo inglês por desígnios insondáveis transplantado para aquela contracultura tropical.

Iniciamos imediatamente um curso de laboratório, ministrado pelo saudoso Prof. Roberto Silva, pois de nós era exigida a realização de exames básicos no pequeno Laboratório dos Residentes, em situações de emergência, nos horários em que o Laboratório Central não funcionava.

Logo me adaptei à nova condição e fui designado para auxiliar o Prof. Didier num trabalho de pesquisa em que executávamos parabioses em ratos, no período da tarde, o que fazia com todo entusiasmo de estrepante, sujando-me de iodo e colódio elástico das mãos aos cotovelos, quando não até o rosto.

Era a reedição, agora em termos sérios e científicos, dos passatempos de criança.

A Universidade recém-fundada por Edgar Santos vivia o seu período áureo e comandava o processo de transformação do letárgico comportamento colonial até então vigente na sociedade baiana para uma estrutura social moderna e consciente dos seus valores, com a Escola de Teatro, dirigida por Martim Gonçalves e Chianca de García, plasmando os grandes nomes das artes cênicas e performáticas da Bahia, dentre eles Glauber Rocha, Helena Inês, Oton Bastos, Nilda Spencer, Yumara Rodrigues, Geraldo del Rey, Jurema Pena; a Escola de Música estreava imponente orquestra sinfônica, dirigida com precisão e beleza pelo criativo maestro Hans Joachim Koellreutter em inesquecíveis concertos, e realizava os seus famosos “Seminários Internacionais de Música”, que deleitavam a cultura musical baiana, com o concurso de Sebastian Benda; o Coral Universitário oferecia-nos belos espetáculos, executando de Haendel a Pixinguinha com graça e maestria. A Escola de Dança chocava os espectadores menos preparados com novéis espetáculos de dança moderna. João Gilberto, ilustre conterrâneo de Juazeiro, lançara de Salvador a semente do que seria logo mais a explosão nacional da Bossa Nova, que em seguida ganharia o mundo. Era o tempo da poesia concretista, que tinha entre os seus ícones Clarival do Prado Valadares, médico de ilustre família, professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Bahia, depois transformado em corifeu das artes plásticas do Brasil; do Colóquio Luso-Brasileiro, manancial e manifestação de cultura e saber nunca dantes testemunhados nestas bandas. O Anjo Azul abria as suas portas na Rua do Cabeça, ostentando no corredor de entrada o belo mural de Carlos Bastos com o anjo andrógino que lhe emprestou o nome, alardeando-se como ponto de encontro da intelectualidade; a vetusta Escola de Belas Artes, renovada, liderava a eclosão dos grandes pintores “baianos”, Carybé, Jenner Augusto, José Pancetti, Carlos Bastos, Genaro Carvalho, Sante Scaldaferrri,

Raimundo Oliveira, Lênio Braga; Mário Cravo iniciava o seu percurso pioneiro na escultura, incompreendido e até rejeitado pelos mais conservadores, como todos os inovadores; D. Clemente da Silva Nigra coletava o precioso acervo do que viria a ser o mundialmente conhecido Museu de Arte Sacra da Bahia; Carlos Giorgetti ornamentava os salões da elite emergente, então alcunhada de *nouveaux riches*, com suas luminárias e entalhes dourados rebuscados pseudo-rococós. Compunha-se, cantava-se, representava-se, escrevia-se e consumia-se como nunca. O belo Palácio da Reitoria iluminava-se, noite após noite, oferecendo variada gama de entretenimento a uma população atônita com toda aquela novidade. Foi a maior efervescência cultural aquela que testemunhamos e que dificilmente viria a se repetir, com tal intensidade e volume, em tão reduzido espaço de tempo, em qualquer outro lugar do Brasil.

E eu, vivendo ali ao lado, vizinho próximo da Escola de Teatro, aproveitei ao máximo de tudo que essa intensa atividade produzia. Ao menor sinal de movimento na Reitoria, envergava o elegante “terno” cinza de casimira inglesa, provido de colete e gravata prateada, e adentrava o salão convenientemente lotado de reais apreciadores e de pretensos *connaisseurs* que simplesmente desejavam “aparecer”. O teatro da escola, depois chamado de Santo Antônio, também era alvo de muitas investidas. Ali assistimos várias peças de famosos dramaturgos, entre elas a famosa *O Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, e a *Ópera dos Três Tostões*, de Berthold Brecht. Lembro-me particularmente de uma ocasião em que ao curso de uma sessão de trabalho com ratos, no fim da tarde, com as mãos inconvenientemente tintas de vermelho, fui convidado por Didier para assistir a apresentação do novo e discutido filme *O Pátio*, de Glauber Rocha, que começaria daí a minutos. Larguei tudo e vestindo um casaco sobre o jaleco de trabalho, partimos para a função. Assisti, durante quase uma hora, Helena Ignês arrastar-se em completo silêncio por um belo pátio de mármore xadrez preto-e-branco *au bord de la mer* e o ator, Solon Barreto, na seqüência final, despudoradamente urinar sobre um pobre cocó desprotegido. Acesas as luzes, não podia avaliar se o ar de espanto dos presentes tinha como alvo o inusitado da obra ou o “sangue” que me tingia as mãos. Confesso que não compreendi, nem o filme nem a reação da platéia.

Enquanto isso, as trocas de enfermaria sucediam-se, com surpresas e novos relacionamentos em cada uma delas: João Martins; Augusto Teixeira, há pouco formado mas já brilhante cirurgião; Dival Porto, pioneiro da neuro-cirurgia na Bahia; Waldeck Nere, falecido jovem, perito na cirurgia vascular; Antemar Campos, entre outros. Eu operava ou ajudava em tudo, de vesícula a tireóide, passando pelo baço e o intestino. Aliás, é histórica a vez em que, ajudado numa esplenectomia pelo colega Luiz Carlos Medrado, fui por ele sabotado, com a rápida retirada da peça enquanto eu me virava para procurar uma pinça, tendo-o eu obrigado a devolver o órgão ao local de origem, para que pudesse então removê-lo, como de direito. Aprendi muito, aprendi mais a não ter medo do abdômen, principalmente da bexiga e dos uretérios, o que viria a ser de valor inestimável no meu futuro na Ginecologia. O treinamento

cumpria o objetivo a que se propunha, pois complementava, com méritos, os ensinamentos do curso de graduação.

A vida na Residência era movimentada. Tínhamos trabalho o dia todo. À tarde, antes ou após as admissões de pacientes internados no dia, participávamos das sessões de clínica, de cirurgia, anátomo-clínica, de resumo de revistas, de óbito, sob a vigilância constante de Roberto Santos, que só saía do hospital por curto intervalo para o almoço, nele permanecendo muitas vezes até tarde da noite, por motivos que fugiam à nossa compreensão, e que sabia de tudo que fazíamos e por onde andávamos. Não sei como funcionava o seu serviço de informação, mas sei que era perfeito. Muitas vezes, para fugir dessa marcação cerrada em incursões vespertinas, tínhamos que “escapar” pela porta lateral do ambulatório ou usar a saída da Anatomia Patológica no 3º subsolo. Às vezes à noite, mesmo não estando de plantão, estávamos sujeitos a ser requisitados para examinar pacientes nas enfermarias ou fazer exames laboratoriais de emergência, o que, aliás, se prestava a desculpas com as namoradas e noivas de muita gente para eventuais escapulidas “sentimentais”, que eram o comportamento masculino comum da época.

O ambiente no círculo interno era excelente. Colegas e amigos de longa data, vivíamos como irmãos. As brincadeiras e trotes se sucediam, sempre partindo dos mais criativos, Medrado, sonsamente secundado por Almério e Vilberto, e tinham como vítimas principais Marco Aurélio, Agnaldo e eu. Com Ernesto, pela sua monumental força bruta, ninguém se atrevia. Episódios marcantes foram a caça coletiva ao morcego, que depois de assombrar Almério terminou pendurado no varal da cortina da minha cama; a “carga” de farofa colocada no meu cachimbo por Medrado, que quase me provocou um espasmo de glote; o carneiro ofertado a Vilberto por um paciente, que foi trazido pelo elevador lateral e amarrado à noite na minha cama; o fígado formolizado colocado na comida de Agnaldo e o “curativo” efetuado na postectomia de Marco Aurélio. Ao mesmo tempo, uníamo-nos nas investidas contra os “externos”, das quais foi vítima preferencial a nutricionista Marina, que nos servia a alimentação mais deprimente que uma cozinha coletiva pode produzir. As suas queixas contra nós, levadas a Caribé, eram nos solenemente transmitidas por Roberto Santos, com apelos ao nosso bom senso e educação doméstica. Tudo em vão. A vida nos sorria e a vez era nossa de gozarmos as delícias de uma juventude sem maiores compromissos.

Mais ou menos em Março conheci Nelson Vieira, estudante americano de ascendência portuguesa que viera a Salvador num programa de intercâmbio com a Universidade da Bahia e que morava na Residência Universitária ao lado da Igreja da Vitória. Moreno e simpático, logo fizemos amizade e o contratei para dar-me aulas particulares de conversação, que logo iniciou, com visitas ao hospital três vezes por semana, à noite. Durante uma hora falávamos sobre tudo, inicialmente num inglês claudicante misturado com palavras portuguesas, no que era auxiliado pelo fato de Nelson também falar português; às vezes variávamos o programa, indo ao cinema ou a um barzinho, freqüentemente o Chez Bouillon, na Ladeira da Barra, onde costumávamos bebericar

Pemod. Durante nove meses mantivemos esse ritmo, ao fim do que conseguia expressar-me com relativa facilidade, apesar do vocabulário ainda restrito. Esse treinamento intensivo valeu muito posteriormente, quando tive de voltar à ACBEU na fase preparatória da minha viagem aos Estados Unidos.

Confesso que, nessa altura, não me passava pela cabeça a idéia de seguir a carreira universitária. A minha única meta era ganhar mais tempo antes do fatal ingresso na carreira política, como queria meu pai. No meio do ano, tendo já percebido que a minha aparente intransigência era fruto de grande dedicação ao trabalho e sabedor dos meus esforços no aprendizado da língua inglesa, recebi de Roberto Santos a oferta de uma bolsa de estudos na América, o que aumentou mais ainda o meu entusiasmo no desempenho das tarefas. Deus seja louvado, eu vislumbrava mais uma oportunidade de adiar a minha volta a Juazeiro!

Em Dezembro recebi a triste notícia de que a minha bolsa de estudos havia sido cancelada. Foi uma das maiores decepções que já experimentara, senti toda a alegria e ânimo escorrerem pelas pontas dos dedos. Mas, o que fazer? Resolvi continuar com as funções de rotina até o término do meu contrato. Cerca de quinze dias depois fui contatado por intermédio de Elicéria, uma auxiliar de enfermagem amiga, pelo proprietário de uma farmácia em André Fernandes, distrito de Pedra Azul, no norte de Minas Gerais, que me oferecia a oportunidade de assumir um pequeno hospital que se encontrava desativado, o que aceitei de pronto. Como o chefe da Residência encontrava-se no exterior, informei a minha decisão a Heonir Rocha, seu substituto. Ele gentilmente acenou-me com a possibilidade de que permanecesse no hospital até o retorno de Roberto Santos, quando seriam adotadas as providências cabíveis, o que não aceitei, por desejar resolver imediatamente a minha situação. Assim, arrumei as malas e tomei o avião da VARIG para Pedra Azul, iniciando o período *country* da minha vida até então estritamente urbana. Foram meses de intenso trabalho, circulando num jipe desconjuntado, botando em prática o que aprendera na Residência: o equilíbrio hidro-eletrolítico, o tratamento do coma diabético e do infarto agudo do miocárdio, a cirurgia da apendicite aguda, mas também tendo que improvisar nos ferimentos a bala, nos partos complicados em domicílio, na crise epiléptica comatosa. De súbito, fiz uma excitante descoberta: estava ganhando dinheiro grande pela primeira vez na vida. Confesso que gostei. Era, enfim, chegada a hora de declarar-me independente do pátrio poder. Só que não imaginava o que viria a acontecer logo depois.

Entre idas e vindas fiquei em André Fernandes até Maio, quando recebi telegrama de Roberto Santos convocando-me a retornar a Salvador, pois a minha bolsa de estudos fora liberada para Setembro e eu precisava cumprir algumas formalidades, entre as quais uma prova de proficiência em inglês. Foi o maior dilema que enfrentei na minha existência. Com Letícia havia combinado a data do casamento, pois não agüentava mais permanecer sozinho naqueles ermos; com o prefeito assumira o compromisso que, resultou na compra de novos equipamentos; também já apalavrara a compra de um jipe, namorava uma fazenda de criação de gado e até um revólver havia adquirido. Era um apreciável progresso para

quem saíra de Salvador com a roupa da mala há poucos meses, mas que, em contrapartida, tinha agora em mãos um inadiável problema a resolver. Passei dias inquieto, sem decidir que atitude tomar, mais propenso a partir pela crença no antigo axioma de que é preferível “arrepender-se do que se fez do que daquilo que se deixou de fazer”. Vim a Salvador, consultei Letícia, que foi de opinião favorável à minha ida, mesmo tendo que adiar o casamento. Voltei a Minas, conversei com o prefeito, que foi muito compreensivo e liberou-me do trato. Parafrazeando Júlio César, intimamente exclamei: *Alea iacta est!* Estava consumada a decisão.

Vendi alguns pertences, despedi-me dos poucos amigos que ali fizera, arrumei as malas e, surpreendentemente aliviado, voltei à vida de estudante em Salvador.

PS. A minha declarada e evidente devoção, o entusiástico compromisso com o Hospital das Clínicas durante 46 anos, até 2002, quando fui compulsoriamente aposentado, foram amplamente recompensados com o recebimento das mãos do seu diretor, Prof. Hugo Ribeiro Junior, na noite de 21/11/2008, da medalha comemorativa dos 60 anos da inauguração do hospital, entregue a um grupo de 60 profissionais, aposentados e ativos, escolhidos através de consultas, pelos “serviços prestados com dedicação” à instituição.



O homenageado com o Prof. Hugo Ribeiro Jr.



A homenagem

Foi uma honra, que marcará o resto dos meus dias, ser incluído nesse número.

Meus agradecimentos às colegas Suzana Ribeiro Diniz, que forneceu recortes de jornais e algumas fotografias que ilustram o texto, Érica Medrado Sampaio, que diligentemente garimpou a foto dos residentes, uma preciosidade única, e ao meu neto Rodrigo Costa Lima, que digitalizou as fotos do recebimento do prêmio e da medalha comemorativa.